

Articulações entre psicanálise e literatura a partir da obra “Livro sobre nada” de Manoel de Barros

Articulations between psychoanalysis and literature from the book “Livro sobre nada” by Manoel de Barros

Articulaciones entre psicoanálisis y literatura a partir de la obra “Livro sobre nada” de Manoel de Barros

Recebido: 09/10/2023 | Revisado: 19/10/2023 | Aceitado: 20/10/2023 | Publicado: 23/10/2023

Sabrina Gabriella Spohn

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9180-0399>

Univel Centro Universitário, Brasil

E-mail: sabrinagabriella0207@gmail.com

Luíza Bernardini Ferrari

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3419-4945>

Univel Centro Universitário, Brasil

E-mail: luiza.ferrari@univel.br

Resumo

A presente pesquisa busca realizar um estudo sobre possíveis articulações entre a psicanálise e a literatura a partir da obra “Livro sobre nada” de Manoel de Barros. O desenvolvimento do trabalho será dividido em 3 tópicos. No primeiro, o objetivo é relacionar arte e psicanálise. No segundo, propõe-se a discussão de alguns conceitos psicanalíticos de Sigmund Freud e Jacques Lacan, tais como inconsciente e linguagem, tendo como exemplificação e base os poemas de Manoel de Barros. E no terceiro e último tópico, será discutida a relação e aproximação entre o ato artístico e o ato analítico, com os poemas de Manoel de Barros. Para tanto, utilizou-se o método de pesquisa bibliográfica, através das obras de Freud, Lacan, comentadores destes autores principais da psicanálise e bases de dados do Google Acadêmico e LILACS, com as palavras-chave “Psicanálise”, “Psicanálise em extensão”, “Literatura”, “Arte”, “Poesia” e “Manoel de Barros”. Foi possível relacionar os poemas escolhidos, abarcando os conceitos de inconsciente, temporalidade, saber e linguagem, bem como estabelecer conexões do ato de criação e do ato analítico com a poesia. Concluiu-se que a poesia e a literatura desempenham papéis significativos na história da psicanálise e na construção contemporânea da teoria psicanalítica, e que os analistas podem valer-se da poesia de Manoel de Barros para enriquecer suas práticas e produções no campo da psicanálise.

Palavras-chave: Psicanálise; Arte; Literatura; Poesia; Manoel de Barros.

Abstract

This research seeks to carry out a study on possible articulations between psychoanalysis and literature based on the work “Livro sobre nada” by Manoel de Barros. The development of the work will be divided into 3 topics. In the first the objective is to relate art and psychoanalysis. In the second, it is proposed to discuss some psychoanalytic concepts of Sigmund Freud and Jacques Lacan, such as the unconscious and language, using the poems of Manoel de Barros as exemplification and basis. And in the third and final topic, the relationship and rapprochement between the artistic act and the analytical act will be discussed, with the poems of Manoel de Barros. To this end, the bibliographical research method was used, through the works of Freud, Lacan, commentators on these main authors of psychoanalysis, and Google Scholar and LILACS databases, with the keywords “Psychoanalysis”, “Psychoanalysis in extension”, “Literature”, “Art”, “Poetry” and “Manoel de Barros”. It was possible to relate the chosen poems, covering the concepts of unconscious, temporality, knowledge and language, as well as establishing connections between the act of creation and the analytical act with poetry. It was concluded that poetry and literature play significant roles in the history of psychoanalysis and the contemporary construction of psychoanalytic theory, and that analysts can use Manoel de Barros' poetry to enrich their practices and productions in the field of psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis; Art; Literature; Poetry; Manoel de Barros.

Resumen

Esta investigación busca realizar un estudio sobre posibles articulaciones entre psicoanálisis y literatura a partir de la obra “Livro sobre nada” de Manoel de Barros. El desarrollo del trabajo se dividirá en 3 temas. En el primero el objetivo es relacionar arte y psicoanálisis. En el segundo, se propone discutir algunos conceptos psicoanalíticos de Sigmund Freud y Jacques Lacan, como el inconsciente y el lenguaje, utilizando como ejemplificación y base los poemas de Manoel de Barros. Y en el tercer y último tema se abordará la relación y acercamiento entre el acto

artístico y el acto analítico, con los poemas de Manoel de Barros. Para ello se utilizó el método de investigación bibliográfica, a través de las obras de Freud, Lacan, comentaristas de estos principales autores del psicoanálisis, y las bases de datos Google Scholar y LILACS, con las palabras clave “Psicoanálisis”, “Psicoanálisis en extensión”, “Literatura”, “Arte”, “Poesía” y “Manoel de Barros”. Se logró relacionar los poemas elegidos, abarcando los conceptos de inconsciente, temporalidad, conocimiento y lenguaje, así como establecer conexiones entre el acto de creación y el acto analítico con la poesía, se concluyó que la poesía y la literatura juegan papeles significativos en la historia del psicoanálisis y la construcción contemporánea de la teoría psicoanalítica, y que los analistas pueden utilizar la poesía de Manoel de Barros para enriquecer sus prácticas y producciones en el campo del psicoanálisis.

Palabras clave: Psicoanálisis; Arte; Literatura; Poesía; Manoel de Barros.

1. Introdução

Manoel Wenceslau de Leite Barros (1916-2014), mais conhecido como Manoel de Barros, nasceu em Cuiabá, no Mato Grosso, e foi considerado um dos principais poetas contemporâneos, contando com diversos livros de poesia publicados. Ao longo de sua vasta obra, deu importância às coisas que não levam a nada, que aparentam ser irrelevantes, e de certa forma prestou homenagem ao que há de mais ínfimo no mundo.

Para o presente artigo, foi selecionada a obra “Livro sobre nada” de Manoel de Barros, composta de quatro partes, sendo elas “Arte de infantilizar formigas”, “Desejar ser”, “O livro sobre nada” e “Os Outros: o melhor de mim sou Eles”. Manoel declarou no pretexto do livro que sua intenção ao escrever era “fazer brincados com as palavras”, “fazer coisas desúteis”, o nada de fato, e ao mesmo tempo tudo que utilize o abandono externamente e internamente (Barros, 1996/2016, p. 13).

Assim como a poesia de Manoel de Barros, a psicanálise, desde seus primórdios com Freud, também valoriza o que é considerado insignificante, como os atos falhos, os chistes e os sonhos. O criador da psicanálise era um grande leitor dos clássicos e sempre buscou na literatura elementos que o ajudassem a pensar sua teoria, inclusive fornecendo conceitos e metáforas ao saber psicanalítico como o Édipo e o narcisismo (Rosenbaum, 2012). De acordo com Garrit e Rudge (2021), os escritos freudianos possibilitam a reflexão sobre a maneira como o sujeito se constitui como ser na cultura, tendo seu sintoma neurótico marcado pelos discursos e práticas que refletem a cultura da época. Desta forma, os conceitos analíticos não são de uso exclusivo para a prática clínica nem nasceram exclusivamente a partir dela, visto que Freud se interessou pelo estudo da cultura resultando em trabalhos imprescindíveis para a psicanálise, o que possibilita a articulação proposta neste artigo.

O documentário “Só dez por cento é mentira” (2010), que aborda a vida de Manoel de Barros, apresenta o poeta afirmando que a palavra tem o dom de transformar as coisas e que a poesia é algo que não pode ser descrito, mas sim descoberto. Percebe-se que este fazer da poesia tem em comum com o fazer no processo de análise o fator que o sujeito se torna ativo ou protagonista de uma certa história e descobre coisas sobre si mesmo através da linguagem. Isso ocorre pois o fazer criador não é limitado apenas à arte, mas sim a qualquer fazer que se utiliza daquilo de mais singular no sujeito, o seu inconsciente (Biazus & Cezne, 2010), demonstrando que tanto a arte quanto a psicanálise podem ser elaborativas para o sujeito.

Ainda no mesmo documentário anteriormente citado, Manoel relata que certa vez o questionaram sobre a possibilidade de escrever sobre a velhice e não apenas sobre a infância, quando ele declarou que só teve infância. Essa afirmação remete a uma ideia presente em Sigmund Freud, em seu texto “O poeta e o fantasiar” (1908), de que uma experiência atual acaba por despertar a lembrança de uma experiência antiga, algo que foi vivenciado na infância, e a partir disso o desejo pode ser realizado na criação literária; ressaltando em seguida que a criação literária é como uma continuação ou substituição das brincadeiras infantis.

É importante que a psicanálise se aproxime da poesia com o intuito de aprender, enriquecendo a teoria, potencializando também a capacidade de olhar para as “inutilidades” que no processo de análise podem se tornar ricas de significados. Assim como o próprio Manoel pontua que a poesia não pode ser descrita, a psicanálise também é uma

experiênciavivida que não é possível de ser transcrita (Lisbôa, 2017).

Desta forma, a presente pesquisa busca realizar um estudo sobre possíveis articulações entre a psicanálise e a literatura a partir da obra “Livro sobre nada” de Manoel de Barros. O desenvolvimento do trabalho será dividido em 3 tópicos. No primeiro, o objetivo é relacionar arte e psicanálise. No segundo, propõe-se a discussão de alguns conceitos psicanalíticos de Sigmund Freud e Jacques Lacan, tais como inconsciente e linguagem, tendo como exemplificação e base os poemas de Manoel de Barros. E no terceiro e último tópico, será discutida a relação e aproximação entre o ato artístico e o ato analítico, com os poemas de Manoel de Barros.

A partir destes elementos, surgem as seguintes indagações: Como é possível a articulação entre arte e psicanálise? De que forma a obra “Livro sobre nada” pode auxiliar o saber psicanalítico? E como os poemas de Manoel de Barros podem ser úteis para a reflexão sobre a aproximação entre o ato artístico e o ato analítico? Assim como na poesia de Manoel, aqui pretende-se observar e estudar a exuberância no que aparenta ser ínfimo.

2. Metodologia

O método utilizado no desenvolvimento deste artigo é a pesquisa bibliográfica, que visa apresentar um trabalho a partir de materiais já elaborados, principalmente através de livros e artigos científicos (Gil, 2002). Este estudo exploratório se caracteriza por ser exclusivamente desenvolvido a partir de fontes bibliográficas, utilizando de livros de leitura corrente, neste caso a obra literária “Livro sobre nada” de Manoel de Barros (Barros, 1996/2016), além de livros e artigos científicos de referência para embasar os temas explorados no decorrer do trabalho. De acordo com Gil (2002) a pesquisa bibliográfica possui um grande benefício de permitir ao pesquisador uma cobertura mais ampla dos fatores a serem analisados, e neste artigo isto se torna indispensável, visto que a articulação entre psicanálise e literatura será explorada.

Foram incluídos artigos que discutem a relação entre psicanálise e literatura, especialmente aqueles que abordam as obras de Manoel de Barros. Além disso, foram consideradas construções teóricas de Sigmund Freud e Jacques Lacan, bem como as contribuições de comentadores que exploram os conceitos psicanalíticos de ambos os autores. Para a elaboração do trabalho, uma revisão de literatura foi conduzida nas bases de dados do Google Acadêmico e LILACS, utilizando as seguintes palavras-chave: “Psicanálise”, “Psicanálise em extensão”, “Literatura”, “Arte”, “Poesia” e “Manoel de Barros”. Não houve restrição quanto à data de publicação.

3. Resultados e Discussão

3.1 Arte e psicanálise: uma possível intersecção

A psicanálise é uma prática clínica por excelência, porém, vai além da clínica quando se considera o sujeito e sua relação com a cultura, a sociedade e a história (Marsillac et al., 2019). No texto “A questão da análise leiga: conversas com uma pessoa imparcial”, Freud (1926/2017) já chama a atenção para a ideia de que a psicanálise não deve ficar restrita aos consultórios, pois, ao ser aplicada em outros contextos, como na cultura e na arte, seu alcance é ampliado. Lacan (1967 *apud* Marsillac et al. 2019), por sua vez, propõe duas formas de articulação da psicanálise: em extensão e em intensão. A partir da possibilidade de estender a psicanálise - para além do consultório - surgem as interações da psicanálise com a arte. É sobre tomar a arte a serviço da clínica, e além disso, também tomar a tarefa analítica como forma de arte (Guerra, 2017).

A arte e a literatura são disciplinas que fazem parte da formação do psicanalista, pois se tratam de saberes sobre o inconsciente. Observa-se que o artista parece deixar-se atravessar de maneira mais intensa pelo inconsciente, aproximando-se do psicanalista na medida em que seu ato criador lhe escapa e denuncia algo de incontrolável para ele mesmo. Pode-se afirmar que a criação se dá através do artista e, ao mesmo tempo, sem o conhecimento consciente dele (Jorge, 2022).

Freud costumava escrever sobre a vida psíquica do artista a partir da análise de sua obra. No momento atual da

articulação entre psicanálise e arte, o interesse não está mais na psicopatologia do artista e sim em pensar questões sobre a cultura e sobre o próprio fazer psicanalítico a partir da obra, visto que a obra é um fruto do inconsciente, que evidencia uma rede de deslocamentos e condensações (Marsillac et al. 2019). Em concordância também com este ponto de vista, Freud (1907/2015) afirma:

(...) os escritores são aliados valiosos e seu testemunho deve ser altamente considerado, pois sabem numerosas coisas do céu e da terra, com as quais nem sonha a nossa filosofia. No conhecimento da alma eles se acham muito à frente de nós, homens cotidianos, pois recorrem a fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (p. 10).

Lacan também foi um grande apreciador da arte e da literatura, o mesmo escreveu uma “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein” (1965), na qual afirma que “a prática da letra converge com o uso do inconsciente” (p. 200) e declara:

(...) a única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição, sendo-lhe esta reconhecida como tal, é a de se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede e, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho (p. 200).

Observa-se que, na tentativa do psicanalista de entender o enigma do fazer artístico, talvez esteja implicitamente buscando as condições de possibilidade do próprio trabalho analítico, um saber sobre o que pode ser produzido em uma análise (Rivera, 2002). É de extrema importância lembrar que no texto “O poeta e o fantasiar” (1908/2015), foi a criação literária que auxiliou Freud a pensar sobre um modelo para o fantasiar, que é um conceito central em sua teoria. No caso, tomou a criação literária como modelo de uma atividade psíquica, enriquecendo assim a teoria psicanalítica a partir do ato artístico.

Neste sentido, a psicanálise é constantemente acusada de ser pretenciosa quando aborda o assunto da arte, por tentar interpretá-la. No entanto, a arte pode ser utilizada para refletir sobre o fazer psicanalítico. A psicanálise não deve se associar à arte com a pretensão de desvendar os enigmas da criação artística, mas sim utilizar a criação artística como uma valiosa ferramenta para auxiliar na compreensão dos mistérios do próprio saber psicanalítico (Biazus et al. 2010). As fronteiras entre a literatura e a psicanálise que antes eram consideradas rígidas, se tornam pontos de passagem, caminhando rumo a uma leitura que aproxima, pela linguagem, o discurso psicanalítico do discurso ficcional (Junior, 2021). Rosenbaum (2012) aborda que a psicanálise como ferramenta deve ir além de explicar a obra em símbolos fálicos, evitando reduzir o texto a sentidos pré-concebidos, pois não há sentido último e definitivo, e o método não deve ser maior do que o objeto que é estudado. Conforme Kosovski (2016), o trabalho de uma articulação entre psicanálise e arte, a partir da perspectiva de um encontro faltoso, significa sustentar a orientação ética da psicanálise.

É válido ressaltar que as análises da cultura que Freud teceu ao longo de sua obra envolveram a arte e a literatura. A partir deste encontro, houve a possibilidade de aprofundar-se em questões fundamentais para a teoria, tais como as pulsões, as fantasias, o brincar e a relação do sujeito com os outros e com a cultura (Marsillac et al. 2019). Freud (1917/2014) chamou a atenção para um aspecto da vida de fantasia ao escrever que existe um caminho que conduz a fantasia de volta à realidade, sendo esse caminho a arte. Um artista pode se distanciar da realidade e direcionar sua libido para suas criações artísticas, pois normalmente os artistas possuem uma intensa capacidade de sublimação e um certo afrouxamento de suas repressões. Para aqueles sujeitos que não são artistas, a obtenção de prazer derivada da fantasia é consideravelmente limitada.

Outra teoria freudiana imprescindível para se analisar a questão da arte está no texto “O infamiliar”. Freud (1919/2019) argumenta que o infamiliar é de alguma forma um tipo de familiar, é aquilo que deveria permanecer oculto devido ao recalque, mas que veio à tona. Também afirma que o motivo pelo qual o uso da linguagem permitiu que o familiar se tornasse o infamiliar é que este infamiliar, na realidade, não é novo nem estranho, mas sim algo íntimo da vida psíquica que foi afastado da consciência pela operação de recalque (Freud, 1919/2019). Na terceira parte do texto, Freud (1919/2019)

destaca que o infamiliar presente na ficção ou na criação literária é mais rico do que o infamiliar das vivências, pois o abrange em sua totalidade e não depende da condição de se ter vivenciado. Não obstante, de acordo com Rivera (2002), na contemplação da obra, o que está em jogo é mais do que o belo ou alguma satisfação pulsional, mas também a apresentação de algo que provoca ou perturba o sujeito. Kosovski (2016) salienta que a arte se diferencia das demais formas de sublimação por promover construções que preservam e indicam o vazio que as sustenta, ou seja, por levar a ficção a sério em sua articulação com o Real.

Desta forma, as obras de arte podem ser pensadas como manifestações do inconsciente. Porém, essa manifestação ultrapassa o campo da perspectiva singular do artista e se relaciona com o outro que a observa, sendo esse fenômeno sustentado pela influência da cultura. Entre o artista e sua criação, o público e a obra, há um vazio. Esse vazio remete àquilo que não é possível de ser expresso em palavras, ao indizível inconsciente. De modo similar, tanto a arte quanto a psicanálise são fazeres constituídos de princípios estruturais, mas que se modulam de fato apenas no ato de fazer, uma vez que o inconsciente se entrelaça com a parcialidade e singularidade da posição de quem o faz. O que aproxima a psicanálise da arte é o intrínseco interesse pelo singular, pelo inconsciente, pela linguagem e pelos sintomas, em outras palavras, pelo que há de mais íntimo no sujeito e nas suas formas de expressão (Marsillac et al., 2019).

Guerra (2017) aponta que é necessário que o psicanalista esteja atento e interessado nos processos de criação artística, não apenas visando o campo estético, mas também para poder entrar em contato com outras perspectivas de processos de subjetivação e compreender as formas de sofrimento que os analisados podem apresentar durante as sessões. O psicanalista se interessa e aprende com a arte justamente porque a arte não se submete a regras totalizadoras, indicando, a todo momento, a falha no saber que em torno dela se constrói (Kosovski, 2016).

3.2 Manoel de Barros e seu diálogo com Freud e Lacan

A poesia de Manoel de Barros provoca o sujeito a pensar em outras formas de existir no mundo, com suas palavras repletas de gestos poéticos que se fazem encantar e desentender até hoje (Welter, 2017). Seus escritos trazem algo que foi deixado pelo homem ao longo do tempo: um mundo de simples absurdos e a capacidade de viver na incompletude e criar algo a partir dela, isto é, tornando o habitual, o extraordinário (Sampaio, 2018). Entende-se que a obra selecionada “Livro sobre nada” (1996/2016) de Manoel se relaciona abundantemente com os conceitos de psicanálise propostos por Sigmund Freud e Jacques Lacan, tornando possível a articulação seguidamente apresentada.

De acordo com Freud, no texto “O inconsciente” (1915/2010), a suposição do inconsciente se faz necessária e legítima, principalmente porque os dados da consciência apresentam muitos lapsos e lacunas. O inconsciente dá notícias não só pelos atos falhos, sonhos e sintomas, mas também pela experiência cotidiana de pensamentos que surgem espontaneamente, cuja origem não se conhece e que resultam em fenômenos cuja elaboração é oculta. Por mais que a topologia psíquica que Freud propõe nada tenha a ver com a anatomia, este aparelho psíquico se faz notar no dia a dia, inclusive em atos conscientes, fato este que guarda uma forte proximidade com a frase “Meu avesso é mais visível que um poste” (Barros, 1996/2019, p. 50).

Sobre os processos do sistema *Ics* (inconsciente), Freud (1915/2010) afirma que este sistema é atemporal, ou seja, os processos não são ordenados temporalmente, a passagem do tempo não ocasiona alterações de qualquer modo, pois o *Ics* de fato não têm relação nenhuma com o tempo. No texto “Lembrar, repetir e perlaborar” (Freud, 1914/2017), também chama a atenção para a noção de *a posteriori*, que se refere a vivências importantes do sujeito, das quais só poderá encontrar compreensão e interpretação em um momento posterior. Neste sentido da atemporalidade, Manoel de Barros afirma: “Não preciso do fim para chegar. Do lugar onde estou já fui embora” (1996/2016, p. 52).

Além disso, os processos do *Ics* também não levam em consideração a realidade (Freud, 1915/2010), o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica (Freud, 1900/2019). De acordo com John (2015), seguindo a concepção freudiana e lacaniana,

tudo o que é dito pelo sujeito em uma análise precisa ser escutado como a verdade, ou seja, como realidade psíquica. Frequentemente, o efeito de uma fantasia no aparelho psíquico é o mesmo de um efeito causado por um fator que realmente aconteceu, então, não cabe ao analista confrontar o analisando para ter a certeza se aquilo que lhe é dito aconteceu ou não, mas sim escutar esta fala como verdade psíquica. A verdade tem estrutura de ficção (Lacan, 1959-1960/2008), pois a verdade é abordada por um semidizer, um saber que é colocado na posição de verdade (Simões, 2017). De maneira que ressalta a importância e a dimensão da fantasia para o sujeito, Manoel de Barros escreve “Tudo que não invento é falso” (Barros, 1996/2016, p. 49) e “Há histórias tão verdadeiras que às vezes parece que são inventadas” (Barros, 1996/2016, p. 51), demonstrando o quanto a realidade e a fantasia são elementos que coexistem e convergem para o sujeito.

Ainda levando em consideração o aparelho psíquico, Manoel de Barros com sua frase “Não saio de dentro de mim nem pra pescar” (1996/2016, p. 50) se aproxima novamente de Freud, em seu texto “A repressão” (1915/2010, p. 83), onde ele aponta que “a fuga não serve, pois o Eu não pode fugir de si mesmo”. Muitas vezes, o Eu age como se o perigo de uma angústia não partisse de uma pulsão, mas sim de uma percepção, o que pode causar certas tentativas de fuga como reações a este perigo, sendo assim, o desencadeamento de uma angústia pode até ser reprimido de alguma forma, mas com a exigência de pesados sacrifícios. Conclui-se que tentativas de fuga diante de exigências pulsionais são inúteis, e o resultado de uma fuga sempre se mostra insatisfatório (Freud, 1915/2010).

A partir da evidência de que a psicanálise trabalha através da palavra do analisando, Lacan acentua, sobre a obra de Freud, a relação direta entre as formações do inconsciente e a linguagem, afirmando que o inconsciente é estruturado como uma linguagem (Jorge, 2008), ou seja, o inconsciente tem como referência as regras da linguagem e se desdobra nos efeitos da mesma (Longo, 2006). Corroborando com o pensamento de Barros (1996/2016, p. 50) “As palavras me escondem sem cuidado”. Há uma tensão inerente à linguagem, pois ao mesmo tempo em que ela é acesso, também é enigma. Se constitui enquanto acesso, ao passo que por ela o sujeito entra no mundo simbólico, e enquanto enigma, por permitir que se formulem enunciados que ocultam enunciações latentes alicerçadas na subjetividade (Tavares & Cardoso, 2023).

Conforme Lacan, o discurso da psicanálise renovou a questão do saber defendida por Descartes (Jorge 2008), antes da psicanálise, o sujeito não era senão uma coisa que pensa, seguindo o pensamento cartesiano do “penso, logo existo”. Para a psicanálise, este sujeito também é do pensamento, porém do pensamento inconsciente, não se trata de um sujeito de desrazão, mas de um sujeito da razão inconsciente (Quinet, 2000). Lacan (1964 *apud* Quinet, 2000) considera que lá onde o sujeito duvida, está o inconsciente, pois esta dúvida confirma a presença de uma formação do inconsciente. Para a psicanálise, o sujeito é a lembrança apagada, o lapso, o ato falho, em suma, esse significante que falta. Enquanto, para Descartes, o sujeito é uma coisa pensamento, para a psicanálise, o sujeito não tem substância e se manifesta na hesitação. Dessa forma há uma subversão para “lá onde penso eu não estou, eu não sou” (Quinet, 2000, p. 13). Barros (1996/2016) ilustra essa questão com sua frase “Aonde eu não estou as palavras me acham” (p. 50), demonstrando que no inconsciente, onde o sujeito não está conscientemente, as palavras o acham, visto que há uma estruturação a partir da linguagem.

Em concordância com o exposto anteriormente, Freud, em seu texto “Sobre o início do tratamento” (1910/2017) escreveu sobre a necessidade de retirar do saber consciente a importância que lhe é atribuída, e enfatizar as resistências que são a causa do desconhecimento e que estão continuamente dispostas a defendê-lo, pois o saber consciente é impotente diante da resistência. De acordo com John (2015), não é pela via da conscientização do sintoma ou do problema que um processo de análise produz efeitos, e frequentemente o efeito de uma intervenção nem chega a passar por uma compreensão consciente. Deste modo, há uma preferência na psicanálise lacaniana por intervenções que não sejam explicativas, pois o fundamental em uma intervenção é a produção de um efeito, e observa-se que um enigma, um corte ou um humor são mais efetivos do que uma simples interpretação. Para tanto, Manoel de Barros ensina aos analistas através de seu poema “Tentei descobrir na alma de Mário alguma coisa mais profunda do que não saber nada sobre as coisas profundas. Consegui não descobrir” (1996/2016, p.

56). Assim, entende-se que não se deve tentar traduzir aquilo que o paciente diz, supondo ter a capacidade de saber o que está por trás do que é dito pelo analisando, sendo arriscado compreender demais. É importante ressaltar que o sujeito neurótico tem um sofrimento causado pelo excesso de sentido, então, o sintoma é reforçado caso uma análise seja conduzida pela via da injeção de sentido (John, 2015).

3.3 Uma relação entre o ato analítico e o ato artístico traçada com os poemas de Manoel de Barros

A psicanálise busca a arte como um objeto causa de desejo, aquele objeto que demonstra a incompletude do sujeito e o move a falar, a construir através da linguagem e a se movimentar, em última instância, a criar. Essa possibilidade relacionada com a criatividade que é tão presente nos processos artísticos é a mesma que a psicanálise utiliza, centrada no campo da subjetividade (Biazus et al., 2010). Desta forma, torna-se possível explorar as intersecções entre ato artístico e ato analítico através da própria literatura ou poesia, como proposto neste artigo.

Há uma aproximação entre o trabalho do poeta e o trabalho do psicanalista, em que ambos buscam dar contorno àquilo que é indizível e procuram por vestígios nas palavras escritas e ditas. Também em ambos os casos, se parte de uma ignorância que diz respeito a uma desaprendizagem e um encantamento a partir da posição de não saber (Morais, 2006). Biazus e Cezne (2010) apontam que o fazer da psicanálise deve perder o caráter de tradução de enigmas e sentidos e se tornar um fazer criador. Como Manoel de Barros afirma: “Melhor que nomear é aludir. Verso não precisa dar noção.” (1996/2016, p. 49). Pois mesmo que o inconsciente se manifeste, nunca se chegará a uma elucidação total a seu respeito; então, será possível uma aproximação através dos seus efeitos na consciência, mas ainda se mantém um enigma (Marsillac et al., 2019).

Uma articulação extremamente valiosa entre psicanálise e literatura vem da obra “Estudos sobre a histeria” de Freud e Breuer (1893-1895/2016), na qual Freud concebe que a neurose histérica é, primeiramente, uma fabulação, e através da mesma, há a permissão de realizar de maneira velada o desejo. Esta fantasia da histérica, quando convertida sintomaticamente em seu corpo, tem estatuto de verdade (Rosenbaum, 2012). Como exemplificação, pode-se utilizar as frases de Manoel de Barros “Os delírios verbais me terapeutam” (1996/2016, p. 39) e “Sei que fazer o inconexo aclara as loucuras” (1996/2016, p. 39). A análise acontece a partir de um relato de uma história, este relato não sendo cronológico, mas se baseando na lógica do inconsciente, assim como na escrita (Simões, 2017).

Para a psicanálise, o sujeito é desejante, e o inconsciente permite situar o desejo por meio da palavra. Um processo de análise dá oportunidade ao sujeito de se deslocar dos significantes que o Outro lhe imputou e deixar surgir os próprios significantes (Simões, 2017). Novamente, o fazer da psicanálise se aproxima do fazer da literatura, com Manoel de Barros elucidando que “A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos” (1996/2016, p. 51) e que é “Preciso de atrapalhar as significâncias. O despropósito é mais saudável do que o solene” (1996/2016, p. 36). A literatura pode ser considerada uma expressão do inconsciente e pode despertar uma associação livre por parte do leitor, promovendo um discurso singular. O escritor, como o analisando, endereça suas palavras a partir de escolhas de significantes da sua própria história de vida (Simões, 2017).

O artista é sempre afetado por um outro de um modo que o intriga, movimentando-o na direção da produção das obras de arte. O desamparo é utilizado na obra e se constitui como uma fonte interminável de possibilidades de criação. Quando as certezas do Eu são suspensas e a fantasia pode movimentar-se livremente, a criação torna-se possível (Biazus et al., 2010). O discurso é aquilo que se cria em análise, constituindo-se como uma narrativa que mantém uma abertura psíquica e permite a transmissão ao outro, de maneira similar ao que ocorre com o artista na obra criada. As produções artísticas e analíticas são processos que ocorrem a partir da pulsão e do desamparo, então, nestas situações se aproveita de uma experiência limite - que aproxima o sujeito da castração - e possibilita emergir algo de novo (Cattapan, 2006 *apud* Biazus et al., 2010). Demonstrando esse processo de criação, Manoel de Barros explana “O que não sei fazer desmancho em frases. Eu fiz o nada aparecer”

(1996/2016, p. 46). Este é o trabalho da arte e da análise, o de inventar palavras e frases que deem forma ao desconhecido e indizível do sujeito. Neste sentido, arte e psicanálise permitem que o sujeito abandone a posição conhecida de passividade e se torne ativo por meio de uma forma de domínio do pulsional, criando (Biazus et al., 2010).

Sendo assim, as práticas psicanalíticas e literárias têm fundamentos que são extraídos do campo da palavra e da linguagem enquanto práxis, ou seja, ambas são fazeres da palavra, mesmo que de ordens distintas (Vorsatz, 2019). Entende-se que aquilo que aproxima o psicanalista do autor contém um elemento de desconhecimento, que pode ser perturbador. Ambos operam pela extração da instância da letra na matéria bruta da linguagem, em um processo em que o desejo inconsciente pode ser soletrado de forma não exaustiva (Vorsatz, 2019). Para os analistas, a literatura pode encantar com o seu dizer e oferecer a chance de uma escuta diferente, que acolhe o enigma da linguagem, visto que oferece ao sujeito uma possibilidade de se expressar (Simões, 2017). Parece evidente que tanto os artistas quanto os analistas partilham da perspectiva de Manoel de Barros: “Não gosto de palavra acostuada” (1996/2016, p. 52).

4. Considerações Finais

Observa-se que a articulação entre psicanálise e arte, mais especificamente psicanálise e literatura, é um campo que pode ser explorado amplamente, com inúmeras possibilidades de construção. A literatura sempre esteve presente nas teorias da psicanálise e continua a ser objeto de estudo constante. É importante notar que o enfoque da psicanálise em relação à literatura mudou ao longo do tempo, de forma que, atualmente, a psicanálise não busca mais desvendar os enigmas das obras, mas sim, aprender com elas.

Sendo assim, a poesia se destaca como um elemento crucial para a psicanálise, visto que o poema não se prende a sentidos pré concebidos e não precisa ser escrito de forma linear, se aproximando da concepção de temporalidade proposta por Freud e Lacan. Como explanado no percurso deste trabalho, Manoel de Barros deixa espaço para a falta e nos faz percebê-la com mais afinco, como quando escreve “Tem mais presença em mim o que me falta” (1996/2016, p. 49), podendo assim auxiliar os psicanalistas a continuarem essa árdua formação que, inevitavelmente, aponta para o vazio e a incompletude. Através de sua poesia, pode-se aprender a perceber a exuberância naquilo que aparenta ser ínfimo, a “[...] desformar o mundo: tirar da natureza as naturalidades” (Barros, 1996/2016, p. 55) e a apostar mais naquilo que não se sabe, para desta forma, haver a possibilidade de extrair algo de novo no que parecia ser sabido. Que os analistas possam se servir da poesia e da literatura para além de mera distração, encontrando inspiração para a construção de novas práticas e possibilidades.

Por fim, ressalta-se a importância de estudos futuros que explorem a relação entre a psicanálise e a literatura, bem como as semelhanças dos poemas de Manoel de Barros com os conceitos pensados por Freud e Lacan. Devido à vasta obra de Manoel, há uma quantidade significativa de conteúdo em sua poesia que pode ser minuciosamente analisada à luz da teoria e ética da psicanálise, podendo assim, captar a atenção de psicanalistas que buscam a arte como forma de enriquecimento da própria prática psicanalítica.

Referências

- Biazus, C. B. & Cezne, G. O. M. (2010). Expressões do inacabado: encontros entre psicanálise e arte. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 8(2), 49-73.
- Cezar, P., Cezar, P., Adler, K., Treuffar, R. & Villar, L. (2008). Só dez por cento é mentira. *Ancine: Brasil*. De Barros, M. (2016). *Livro sobre nada*. Alfaguara.
- De Marsillac, A. L. M., Bloss, G. M. & Mattiazzi, T. (2019). Da clínica à cultura: desdobramentos da pesquisa entre psicanálise e arte. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(3), 787-808.
- Freud, S. (1914-1916/2010). *Obras completas volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Companhia das letras. Freud, S. (1916-1917/2014). *Obras completas, volume 13: Conferências introdutórias à psicanálise*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1908/2015). O poeta e o fantasiar. In: *Arte, literatura e os artistas* (pp. 34-45). Autêntica.
- Freud, S. (1906-1909/2015). *Obras completas, volume 8: O Delírio e os Sonhos na Gradiva, Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos e Outros textos*.

Companhia das letras.

Freud, S. (1893-1895/2016). *Obras completas, volume 2: estudos sobre a histeria em coautoria com Josef Breuer*. Companhia das Letras. Freud, S. (1914/2021). Lembrar, repetir e perlaborar. In: *Fundamentos da clínica psicanalítica* (pp. 151-164). Autêntica.

Freud, S. (1926/2021). A questão da análise leiga: Conversas com uma pessoa imparcial. In: *Fundamentos da clínica psicanalítica* (pp.205-313). Autêntica.

Freud, S. (1913/2021). Sobre o início do tratamento. In: *Fundamentos da clínica psicanalítica* (pp. 121-147). Autêntica.

Freud, S. (1900/2019). *Obras completas, volume 4: A interpretação dos sonhos*. Companhia das Letras. Freud, S. (1919/2019). *O infamiliar (Das Umheimliche)*. Autêntica.

Garrit, M. & Rudge, A. (2021). Freud: do mito à cultura. *Tempo psicanalítico*, 53(2), 6-20. Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (Vol. 4, p. 175). São Paulo: Atlas.

Guerra, V. (2017). O ritmo na vida psíquica: diálogos entre psicanálise e arte. *Ide*, 40(64), 31-54. John, D. (2015). Reinventar a vida: narrativa e ressignificação na análise. *Ideias & Letras*.

Jorge, M. A. C. (2008). *Fundamentos da psicanálise, vol. 1: As bases conceituais*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2000).

Jorge, M. A. C. (2022). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan–Vol. 4: O laboratório do analista* (Vol. 4). Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Junior, N. C. P. (2021). Das relações entre literatura e psicanálise: Freud, Sófocles e o início de uma tradição interdisciplinar. *Trem de Letras*, 8(2), e021012.

Kosovski, G. F. (2016). Psicanálise e arte: uma articulação a partir da não relação em Louise Bourgeois: o retorno do desejo proibido. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 19, 441-455.

Lacan, J. (2003). Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. *Outros escritos, Jorge Zahar*, 198-205. Lacan, J. (2008). Seminário 7: a ética da psicanálise. *Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar*.

Lisbôa, R. (2017). Psicanálise, criatividade e o indizível da experiência em Manoel de Barros. *Porto Alegre: Artes & Ecos*. Longo, L. (2006). *Linguagem e psicanálise*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Morais, M. B. L. (2006). Poesia, psicanálise e ato criativo: uma travessia poética. *Estudos de Psicanálise*, (29), 45-56.

Quinet, A. (2000). *A descoberta do inconsciente*. Zahar.

Rivera, T. (2002). *Arte e psicanálise* (Vol. 13). Zahar.

Rosenbaum, Y. (2012). Literatura e psicanálise: reflexões. *Fronteiras*, (9), 225-234.

Sampaio, T. A. (2018). Poesia e psicanálise: um possível diálogo entre Manoel de Barros, Freud e Lacan. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 16(1), 26-47.

Simões, R. B. S. (2017). Psicanálise e literatura—o texto como sintoma. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 6(11), 159-179.

Tavares, J. L. C. D. & Cardoso, E. P. (2023). A incompletude que nos move: a articulação entre literatura, linguagem e psicanálise. *Revista Conexão Letras*, 18(29).

Vorsatz, I. (2019). Freud e a ciência da literatura: psicanálise, ciência e poesia. *Tempo psicanalítico*, 51(1), 159-184. Welter, L. G. (2017). Poesia e psicanálise: a criança poetizada em Manoel de Barros.